



O diálogo inter-religioso na obra de Raimon Panikkar

Roberlei Panasiewicz¹
Rita Macedo Grassi²

Resumo

O pensamento de Raimon Panikkar tem importância impar para as Ciências Humanas e, de modo especial, para a Teologia e para as Ciências da Religião. Ele contribuiu para repensar suas epistemologias e para avançar no diálogo com o diferente. Ele conseguiu articular com maestria teoria e prática, mundo ocidental e mundo oriental, especificamente, o indiano. Este texto reflete o minicurso apresentado no Simpósio sobre "Diálogos Inter-religioso e Intercultural, no centenário de R. Panikkar". Pretende demonstrar alguns aspectos do seu pensamento, enquanto teólogo e filósofo, a respeito do diálogo inter-religioso. Através de pesquisa bibliográfica, apontaremos traços do pensamento do autor quanto ao pluralismo religioso e o que ele chama de atitude pluralista, bem como, as atitudes e os modelos (ou 'metáforas-raiz') para compreender e se inserir numa dinâmica de diálogo inter-religioso.

Palavras-chave: Raimon Panikkar, Atitude Pluralista, Diálogo Inter-Religioso.

Introdução

Na visão de Raimon Panikkar (2012), há séculos que os seres humanos mais conscientes têm se dado conta de que não haverá meio de sobrevivência no planeta Terra, se não houver “paz religiosa”, “tolerância autêntica”, “respeito religioso mútuo e abertura sincera ao outro”. Sem esses elementos não será possível, segundo ele, “uma existência verdadeiramente humana”. No entanto, ressalta que se faz necessário “o reconhecimento do pluralismo”, sem o qual “todas essas belas ideias são sem fundamento e são nada mais do que pseudo-valores manipuláveis pelos poderosos. O pluralismo dá a essas atitudes fundamentos intelectuais.” (PANIKKAR, 2012, p. 117).

Essa consciência vem acontecendo desde que as questões religiosas passaram a se tornar questões globais e a fazer parte do nosso dia-a-dia de forma intensa e irrevogável. Enquanto vivíamos isolados em nossas pequenas aldeias e vilarejos, elas estavam apenas relacionadas aos nossos vizinhos mais próximos e eram resolvidas com a guerra.

A partir do momento em que as tradições da humanidade entram em contato de forma mais íntima e ampla do que nos campos de batalha ou em ocasiões de encontros fortuitos, instala-se uma situação inédita: a religião do vizinho [...] me interroga sem que eu possa escapar, tanto sobre o meu comportamento com relação a ele, quanto sobre como considero minha própria religião. De fato, não

¹ Doutor em Ciências da Religião pela UFJF, professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas.

² Mestranda em Ciências da Religião pelo PPGCR PUC Minas.



podemos evitar de comparar, julgar e, cedo ou tarde, de tomar uma decisão. (PANIKKAR, 2012, p. 104).

Com o advento da tecnologia, principalmente, dos meios de comunicação e de transporte, nossa convivência com o diferente, com o “estrangeiro” se intensificou e passamos a ter que reconhecer e “tolerar” novas formas de vida e de prática religiosa, nunca antes acessadas por nós. O evento das torres gêmeas do World Trade Center, em 2001, tornou-se um marco importante na história recente para ilustrar esse pensamento.

No entanto, nosso desejo por paz, segundo Panikkar, estaria de certa forma atrelado a uma visão monoteísta ocidental, que teria sempre a necessidade de transformar essa diversidade em um só grupo homogêneo e de acordo com seus critérios morais, religiosos, etc. Ou seja, uma tendência colonizadora, que crê “que uma só cultura é suficiente para abarcar e compreender todo o espectro da experiência humana” e que permanece até os dias de hoje. (PANIKKAR, 2016, p. 264). Para ele:

Já sofremos no passado e ainda sofremos tanto por causa dos fanatismos políticos, religiosos e culturais, que estamos legitimamente sedentos por uma compreensão universal. Um exemplo típico dessa mentalidade é a síndrome da aldeia global. Apesar da intenção ser nobre, para mim soa como apenas mais uma valiosa sucessora da mentalidade colonialista. O colonialismo acredita no monoformismo da cultura: que há, fundamentalmente, apenas uma civilização [...]. Todos podem dar as boas-vindas a uma teologia universal que é baseada na abertura, na tolerância, e na auto-crítica. Até aqui tudo bem, mas é assim tão fácil estar realmente aberto ao fanático, ser tolerante com o intolerante, e aceitar a crítica daqueles que não concordam com a nossa teologia universal? (PANIKKAR, 1990, p. 9).

Na visão do autor, a tendência a buscar uma unidade das diferentes subjetividades culturais e religiosas, nos levaria a uma tolerância apenas superficial. Uma “real compreensão” do que nos é estranho estaria em outro tipo de atitude.

O objetivo desta reflexão é mostrar como, a partir de Panikkar, desenvolver a atitude pluralista torna-se fundamental diante da realidade religiosa e cultural da contemporaneidade. Esta atitude inspira e cria disposições para um diálogo profundo com o diferente. Assim, primeiramente, apresentaremos a atitude pluralista e, em seguida, as atitudes e os modelos (ou metáforas) para compreender e se inserir numa dinâmica de diálogo inter-religioso.

A atitude pluralista

Duas metáforas são bastante utilizadas por Panikkar para ilustrar o que ele chama de atitude pluralista. Uma é a estória do elefante em um quarto com seis deficientes visuais, onde cada um toca em uma parte do animal e acredita que o elefante se resume àquela parte tocada. Por exemplo, a pessoa que toca nos dentes, acredita tratar-se de um objeto de marfim, a que



toca na pata, acha que é um poste ou um tronco de árvore. Mas, ninguém conhece, de fato, o todo, ou seja, que se trata de um elefante. A atitude pluralista seria o reconhecimento de que somos capazes de apreender, apenas, uma parte do mistério que envolve a realidade e aceitar que outras pessoas apreendem outros pedaços, outras nuances, sentem outras texturas e outros relevos. O problema está quando acreditamos ser os detentores do conhecimento sobre esse “mistério”. Para Prabhu, “em nenhum outro lugar o conto do elefante e dos seis homens cegos aplica-se tão apropriadamente quanto no caso de Panikkar. Não somente haverá diversas interpretações, mas dificilmente qualquer pessoa, inclusive o próprio Panikkar, possa fornecer uma visão do ‘elefante inteiro’”. (PRABHU, 1996, p. 4).

Outra, é a “metáfora da janela”, onde cada um de nós olha através de uma janela (religião), cujo vidro é tão transparente, que nem nos damos conta de que se trata apenas de uma janela. E, se dermos um passo para trás, veremos que existem muitas janelas e pessoas diferentes olhando através das mesmas. Reconhecemos, então, que a nossa perspectiva é uma das possíveis visões daquilo que está para além da janela, que vai além do que a nossa visão alcança. Talvez (mas, não necessariamente), nos leve ao tal “vazio” ou “nada”, que Panikkar acredita ser o “espaço comum”, onde essas diferentes perspectivas pudessem se encontrar.

[...] estou totalmente convencido de que nem o meu ego, nem todos os cristãos ou, nem mesmo todos os meus colegas seres humanos, irão jamais esgotar o conhecimento de tal Mistério. Eu descobro, ao mesmo tempo, que há outras pessoas, outras visões de mundo, outras religiões (outras janelas). Eu posso nem ser capaz de formular como elas experimentam a realidade, ao ignorar os parâmetros nos quais encaixam suas respectivas experiências. Não posso dizer que elas afirmam, em palavras diferentes, a ‘mesma coisa’ que eu. Frequentemente, nem mesmo compreendo a sua fala. Às vezes, nem mesmo posso dizer que elas estão em desacordo com as minhas ideias. Não estou dizendo nada sobre suas crenças, muito menos sobre o que deveriam acreditar. Não tenho o conhecimento e, certamente, nem a autoridade. (PANIKKAR, 1996, p. 269).

Essa seria, então, a base da atitude pluralista. Ou seja, o reconhecimento de que não se pode “enxergar através de todas as janelas” e, muito menos, de controlá-las. Podemos, sim, “reconhecer a existência de outras janelas. [...] ouvir e respeitar o discurso dos outros, entrar em diálogo com eles”. (PANIKKAR, 1996, p. 247). Pois, Panikkar acredita que:

Não é erradicando todas as diferenças e impondo um esquema de inteligibilidade a priori, por mais perfeito que seja, que poderemos harmonizar a sinfonia das diversas civilizações do gênero humano, mas sim permitindo a todos aqueles que pertencem a essas diferentes civilizações a dizerem sua palavra, a dançar sua dança, a cantar seu canto, e procurando compreender o que todos querem dizer. Não é apenas o mal menor ou uma concessão aos limites do nosso ser. O pluralismo é uma exigência enraizada na natureza pluralista da realidade. [...] O pluralismo começa através do reconhecimento da alteridade, a qual já implica a minha essência. Eu estou (sou) em relação. (PANIKKAR, 2012, p. 60-61).



Seria preciso reconhecer que o próprio ser humano é pluralista e não tem como conhecer toda a verdade, mas enxergar, respeitar e estar aberto ao pluralismo inerente ao outro também. Sem, no entanto, deixar de admitir que exista um algo que está “além da compreensão” de todos. Aceitar a existência de “uma força transcendente” é, para Panikkar, a premissa para a existência de “uma sociedade pluralista”. Para ele, “se nós não aceitamos um transcendente não compreensível, então, evidentemente, se eu tenho razão, você está errado e nós não poderemos aceitar qualquer compreensão das nossas respectivas posições que possa ser considerada superior.” (PANIKKAR, 2012, p. 63). Mas, essa aceitação requer, mais uma vez, uma experiência que vá além da razão, requer “humildade intelectual ou bom senso. [...] a percepção que o Real é mais que a soma de todas as opiniões possíveis” e de que “ninguém pode aderir a um pretense sistema pluralista sem transgredir a racionalidade e o princípio de não-contradição. [...] O pluralismo é, na verdade, uma atitude que aparece quando reconhecemos os limites da razão e não os coincidimos com aqueles do Ser [...]”. (PANIKKAR, 2012, p.113). Panikkar refere-se à sua crítica à tese Parmenidiana de que o pensar e o ser são equivalentes e defende a sua tese de que o Ser é ilimitado e infinito. No entanto, é preciso reconhecer nossa contingência. Segundo ele:

A atitude pluralista retira o veneno dos absolutismos recíprocos, porque tivemos a experiência de ser limitados e não absolutos. Tentaremos através de todos os meios legítimos vencer ou convencer o outro, mas como ninguém é portador absoluto de valores absolutos, há ainda, se persistirmos nessa busca, um espaço comum possível aonde nos encontrarmos. Resumindo, não romperemos jamais as relações – mesmo se essa atitude for adotada unilateralmente somente pelo pluralista. (PANIKKAR, 2012, p. 115).

Para Panikkar, a atitude pluralista não se trata de abrir mão de suas próprias visões de mundo para aceitar a do outro, mas de reconhecer que sua perspectiva não é a verdade absoluta e estar aberto ao relacionamento com quem pensa diferente. O autor defende que essa “atitude” não acontece da noite para o dia, mas “é o fruto de uma longa maturação. Nós reconhecemos os estilos de vida mutuamente incompatíveis e as doutrinas contraditórias. Simultaneamente, somos convencidos da pertinência de nosso próprio estilo de vida e da verdade de nossas doutrinas.” (PANIKKAR, 2012, p.114). A atitude pluralista nos auxiliaria, então, a descobrir nossa própria identidade, nossa própria visão de mundo, seja ela religiosa, cultural, filosófica ou política. Nas palavras de Panikkar:

[...] o pluralismo acontece quando descobrimos a mútua incomensurabilidade das atitudes humanas. É o reconhecimento da incompatibilidade de crenças definitivas. [...] para manter a humanidade viva, para manter a polaridade das realidades humanas vivas, para manter a boa fé das pessoas viva, para manter viva a liberdade como a mais alta dignidade, não podemos julgar *apenas* pela Razão. [...]



Entendo que a nossa situação presente requer de todos nós a capacidade de dizer: ‘Eu não te compreendo muito bem e até penso que você esteja errado, mas o fato de você estar errado não me diz muito sobre o fato de eu estar certo, ou talvez de que eu também esteja errado.’ Precisamos dessa relação uns com os outros. Este encontro ‘inter-religioso’ não é apenas uma relação dialética. Também requer amor, diálogo, e toque humano. Estamos interligados, mesmo que as nossas noções e códigos sejam incompatíveis. [...] O pluralismo está interligado à condição humana. (PANIKKAR, 1990, p. 13-14).

E é por essa capacidade de “encontro” que o pluralismo, ou a atitude pluralista, torna-se para Panikkar a base para o diálogo inter-religioso, ou seja, “encoraja o estabelecimento de pactos bilaterais – de modalidades dialogais entre dois sistemas desse tipo, de forma que, através do próprio diálogo, possam elaborar-se os procedimentos e os conteúdos do encontro.” (PANIKKAR, 2012, p.115). Mas, é preciso que haja uma “confiança” no ser humano, uma ação que busque não apenas a “resolução de dilemas objetivos das divergências religiosas” de forma racional, mas uma “convivialidade humana”, baseada na “consciência amorosa”. (PANIKKAR, 1999, p. 11).

Resumindo essa reflexão,

[...] o pluralismo é uma das experiências mais enriquecedoras que a consciência humana possa viver, porque nos permite estar conscientes da importância que reveste o acolhimento da contingência. Nesse sentido, o pluralismo não é outra coisa que o reconhecimento da existência do direito das ideologias, das religiões, das formas de vida e das culturas, que o indivíduo que sou não compreende imediatamente, porque não são suas e que não as pratique. Mas, se sou verdadeiramente um ser humano, não posso pretender impor à toda humanidade meu sistema ideológico ou meu sistema religioso. A necessidade de entrar em diálogo é, então, urgente, e não somente com um objetivo de complementaridade para meu proveito único; porque a polaridade entre os diversos sistemas, se não desenvolve-se em uma tensão prejudicial, faz com que as faíscas da verdade passem realmente de um para o outro, em reciprocidade. Isso que é fecundo. (PANIKKAR, 2012, p. 166).

Para o autor, o pluralismo mais que um conceito, é uma experiência. A partir dessa compreensão do que é, de fato, o pluralismo para Panikkar, podemos avançar no entendimento do diálogo inter-religioso em sua obra, tendo como base essa atitude que ele chama de pluralista.

O Diálogo Inter-Religioso

Compreender a atitude pluralista e saber que estaremos cada vez mais mergulhados num mundo plural nos disponibiliza a irmos ao encontro do outro com abertura de espírito e confiança de que poderemos sair revigorados. De maneira especial e por sua história de vida, Raimon Panikkar foi se construindo aberto e profundamente dialógico. Compreende a importância e a fecundidade que o diálogo entre as religiões proporciona para elas próprias e também para a sociedade.



Nesta reflexão, destacaremos as cinco atitudes e os cinco modelos (ou "metáforas raiz") de diálogo inter-religioso que ele propõe na obra "Culturas y religiones en diálogo", volume VI, da *Opera Omnia*. O diálogo intercultural e inter-religioso estimula as pessoas e as tradições a se disponibilizarem para o encontro com o outro. Segue a reflexão de Panikkar.

Cinco atitudes

As cinco atitudes que Panikkar destaca como participantes do diálogo inter-religioso são: exclusivismo, inclusivismo, paralelismo, intercompenetração e pluralismo. Descrevendo, brevemente, cada atitude.

O Exclusivismo

Esta atitude indica que uma pessoa acredita, de uma maneira ou de outra, que a sua religião é a verdadeira. Por isso, a segue de forma tão enfática que a compreensão da verdade acaba contendo exclusividade. Assim,

se uma determinada tradição humana declara oferecer um contexto universal para a verdade, qualquer afirmação contrária a essa 'verdade universal' terá que ser declarada falsa [...] São os direitos de Deus que são defendidos ao pretender que a sua religião seja uma 'religião absoluta'. (PANIKKAR, 2017, p. 48).

Panikkar compreende que esta atitude apresenta dificuldades, tais como o perigo da intolerância e o desprezo pelos demais, como se pertencessem ao "clube da verdade". Ao assumir esta concepção, assume também uma atitude acrítica de "ingenuidade epistemológica". Se o suposto é que Deus fale uma linguagem exclusiva, ninguém confirma se determinada interpretação é a única correta.

O Inclusivismo

No atual contexto de intercâmbios mundiais, percebe-se a presença de valores positivos e autênticos nas mais diferentes tradições, independentes da sua. As religiões tradicionais têm de enfrentar este desafio. A atitude inclusivista tenderá a reinterpretar as diferenças de maneira assimilável.

Você pode seguir seu próprio caminho e não necessita condenar os demais estilos de vida. Inclusive, pode estar em comunhão com todos os demais estilos de vida se tem uma verdadeira experiência de inclusividade, pode estar em paz não somente consigo mesmo, como também com todos os outros estilos humanos e divinos. Pode ser concreto em sua lealdade e universal em suas perspectivas. (PANIKKAR, 2017, p. 51).



As dificuldades que emergem nesta atitude é de se compreender como tendo o privilégio de uma visão que abarca o todo e de uma atitude tolerante, definindo o lugar das religiões no universo. Há uma reivindicação de um conhecimento de ordem superior.

O Paralelismo

Uma religião tem imperfeições, porém um fiel segue, pois a compreende como um caminho correto. Entretanto, percebe que outros também tem esta compreensão. Portanto, percebe que tanto na sua religião quanto na do outro, há imperfeições e profundas verdades, porém, não consegue integrá-las e nem trazer aspectos positivos para sua tradição. Nesta situação, seria perceber que se trata de outros tantos credos diferentes que, de fato, "correm paralelos para encontrar-se somente ao final, no *eschaton*, o verdadeiro final da peregrinação humana". (PANIKKAR, 2017, p. 52). Assim, as religiões seriam caminhos paralelos e cada uma faz seu percurso, não há partilhas e nem troca de experiências, são percursos independentes.

A vantagem desta atitude é o respeito aos outros, pois não há julgamentos, evita-se sincretismos e ecletismos de acordo com interesses pessoais, mantendo seus limites. Entretanto, este percurso parece ir contra a experiência histórica das religiões, pois parecem que surgiram de mútuas interferências e influências. Também supõe a autossuficiência de cada uma das tradições, como se tudo já estivesse dado, cristalizado, dividindo as religiões em compartimentos.

A intercompenetração

Quanto mais somos sensíveis a religiosidade de "nossos vizinhos", tanto mais percebemos as conjeturas e que não somos tão independentes. Percebemos que "nossos vizinhos" não somente não nos desafiam, mas que podem nos enriquecer. "Começamos a perceber que a outra religião pode complementar a nossa [...]" (PANIKKAR, 2017, p. 54).

Dimensão positiva desta atitude é a tolerância, a ampliação de visão e confiança mútua. Nenhuma religião é estranha a outra e elas se complementam e se corrigem. O perigo desta atitude talvez seja a ilusão, pois será que realmente pode existir intercompenetração? Será que Karma e Providência se intercompenetram ou se excluem? "Cada *intercompenetração é uma nova criação*". (PANIKKAR, 2017, p. 55).

O Pluralismo



Trata-se de uma renúncia a toda absolutização e mantém-se aberto, permanentemente, ao diálogo intra-religioso, pois a busca maior é pela compreensão. "Não é vencer o outro ou chegar a um acordo total ou a uma religião universal [...] O pluralismo se situa no meio, entre a pluralidade desconexa [desarticulada] e uma unidade monolítica." (PANIKKAR, 2017, p. 56). Cada um pode e deve expressar seus pontos de vista abertamente. Panikkar (2017, p. 57) termina esta reflexão afirmando que "talvez a base mais realista sobre a qual pode fundamentar a convivência humana não é o conhecimento racional, mas sim a consciência amorosa."

Quando o encontro ocorre de forma concreta, há necessidade de alguns modelos ou "metáforas raiz", pois permitem compreender e articular os problemas e avançar no diálogo. Seguem as cinco metáforas.

Cinco Modelos

Os modelos são polivalentes e, neste caso, também podem ser compreendidos como metáforas, pois possibilitam perceber a realidade desde um outro ângulo e, sobretudo, abrem novas perspectivas para o diálogo. São eles: o modelo geográfico, o físico, o geométrico, a linguagem e o silêncio. Segue breve descrição da pensamento de Panikkar.

O modelo geográfico: os caminhos que conduzem ao cume

O foco desta metáfora é afirmar que todos somos peregrinos e que caminhamos para o cume (da vida). Entretanto, não sabemos que forma tem este cume. Alguns dizem estar a plenitude, outros, inclusive, dizem ser um abismo total do nada. Independentemente de qualificações, todos admitem existir um cume. Uma religião é um caminho que leva a este cume, porém, há vários caminhos e vários nomes. Mesmo sem o descrever corretamente, os nomes mais usuais são: inefável e inacessível.

Seguindo nesta metáfora, na base da montanha pode ser que não tenhamos tanta consciência de outros caminhos e nem conheçamos outras trilhas (devido aos vales e queimadas), entretanto, os caminhos se separam e se aproximam entre si na medida que avançamos para cima. E assim, mesmo que cada tradição tenha traçado um caminho, cada um deve percorrê-lo pessoalmente. E, se alguém ficar saltando de um caminho para outro, pode não alcançar a meta.

Pode acontecer que o caminho não se adegue a algumas ideias preconcebidas e, aí o caminhante terá que fazer o próprio caminho. Caso ele encontre um outro caminho mais



convicente, ele poderá mudar de caminho, mas não conseguirá apagar as pegadas da caminhada anterior. Sempre levará sua experiência. "Mudar de caminho não é uma questão simples; é um processo carregado de consequências imprevisíveis [...] Mais complexo é o caso em que os caminhantes querem seguir uma trilha distinta da sua sem abandonar o original". (PANIKKAR, 2017, p. 60).

Há necessidade de certa dose de fé no caminho, pois as vezes o caminho fica invisível, as vezes desaparece de repente ou se depara com um rochedo. Ainda, terremotos, deslizamentos ou coisas similares podem ter bloqueado antigas rotas. Ou seja, para Panikkar, rotinas e ritualismos podem ter encoberto antigas rotas clássicas (de uma Idade de Ouro).

Este modelo de busca religiosa parece oferecer uma linguagem adequada que expressa quase todos os aspectos do diálogo religioso: que só o teu caminho leva ao topo; que todos os caminhos podem levar ao topo; que só alguns caminhos são praticáveis; que há rotas que serpenteiam e outras que são caminhos cegos; que há momentos em que nenhum caminho assinalado serve. Outra opinião tentará um compromisso afirmando que somente há trilhas nas partes baixas das ladeiras e, logo acima, já não há caminhos, etc. E acrescentar, ademais, que onde quer que o cume esteja, se destruímos todos os caminhos, o cume colapsará; se corroermos as ladeiras, o cume virá abaixo. O caminho é, em certo modo, a meta. (PANIKKAR, 2017, p. 61).

Há quem defenda que "não há caminho", ele só existe à medida que há uma identificação do caminhante com o caminho. Assim, pode ser bom para um e não ser para o outro.

O mundo moderno e a tecnologia têm mudado as perspectivas e as formas de seguir o caminho. Não é possível mais ignorar uns aos outros, os caminhos acabam se cruzando.

O modelo físico: o arco-íris

Este modelo compara as diferentes tradições religiosas da humanidade com as cores ou, simplesmente, quando a luz branca da realidade atravessa a experiência humana: "difracta em inúmeras tradições, doutrinas e religiões". O verde não é o amarelo, o hinduísmo não é o budismo ... entretanto, é difícil saber onde termina o amarelo e começa o verde. "Ainda mais, através de cada cor em concreto, isto é, de uma religião, podemos chegar a fonte da luz branca [...] Se duas cores se misturam, podem dar origem a outra. O mesmo sucede com as tradições religiosas: o encontro das religiões pode ser o nascimento de outra." (PANIKKAR, 2017, p. 63-64). A maioria das religiões, atualmente, são resultados destas misturas.

Nestas diferenças, uma pode ser mais frutífera que a outra no combate a injustiça ou no auxílio ao desenvolvimento da felicidade pessoal. As religiões absorvem todas as cores e as escondem em seu interior, de forma que a cor que aparentam em seu exterior, não é a



totalidade de sua natureza. Não podemos julgar uma religião somente por sua cor externa, pois um corpo real de luz branca absorve todas as cores. E, ainda, as religiões podem transmitir raios de luz diferentes e também podem mudar no tempo e nos lugares. "[...] a variedade das religiões pertence a beleza e a riqueza da condição humana." (PANIKKAR, 2017, p. 65).

O modelo geométrico: a invariante topológica

"As religiões parecem diferentes e até mutuamente irreconciliáveis entre si a menos que se encontre uma invariante topológica". (PANIKKAR, 2017, p. 66). Um 'invariante topológico' é qualquer propriedade dos espaços topológicos, que seja invariante por homeomorfismo – mesma forma –, como a conexidade, a compacidade ou o número de componentes conexos. "Religiões que a primeira vista podem parecer muito diferentes umas das outras podem encontrar suas recíprocas conexões uma vez que se descubra a transformação topológica que permita a conexão entre as religiões submetidas a consideração." Assim, "as religiões não estão uma ao lado da outra, mas estão essencialmente interconectadas." (PANIKKAR, 2017, p. 66).

Para além da racionalidade ou da lógica, as leis topológicas podem ser de ordem históricas. Este modelo pode colaborar para encontrar correspondências e equivalências entre as religiões.

O modelo antropológico: a linguagem

A linguagem torna uma realidade humana coextensiva a outra.

Este modelo considera que toda religião é uma linguagem [...] Toda religião é completa como toda linguagem é capaz de expressar qualquer coisa que tenha necessidade de expressar. Toda religião está aberta ao desenvolvimento e a evolução como toda linguagem. Linguagem e religião são capazes de expressar e adotar novos matizes de significado, variar modismos ou ênfases, refinar maneiras de dizer ou alterá-las. (PANIKKAR, 2017, p. 68).

Tanto a linguagem quanto a religião podem se articular com diferentes expressões resguardando sua identidade como, também, podem desaparecer por várias razões: conquista, decadência, emigração.

Desde um ponto de vista interno de cada linguagem ou de cada religião, tem pouco sentido dizer que uma linguagem 'é mais perfeita' que outra. Tanto uma quanto a outra tem várias palavras para nomear algo, como, o metal, a sabedoria, Deus, virtude. Expressões e significados distintos perpassam os termos.



O problema que perpassa a linguagem e a religião são as traduções, pois há equivalências e há termos intraduzíveis.

O tradutor há de falar a língua ‘estrangeira’ como se fosse a sua. Enquanto falamos uma língua traduzindo desde outra, nunca falaremos com soltura ou mesmo corretamente. Somente se falamos esta língua, somente se ‘falamos’ essa religião como se fosse a nossa, seremos capazes de ser seus porta-vozes, de ser verdadeiros tradutores. Isto, obviamente, implica, ao mesmo tempo, que não esqueçamos nossa língua materna e que somos também capazes de expressarmos em outro mundo linguístico. (PANIKKAR, 2017, p. 71).

A linguagem também ajuda no estudo comparado, pois ajuda a pensar o transfundo comum. No caso das religiões, as comparações podem acontecer a partir das religiões concretas.

O modelo místico: o silêncio

Não podemos apressar em dizer que o silêncio não pode ser um modelo porque elimina o problema ao não querer detectar as diferenças. Há o silêncio da indiferença como do ceticismo. Para Panikkar (2017, p. 72), "o silêncio que não nega a palavra, mas é consciente de que ele é *anterior* a palavra e que a palavra não faz nada mais que expressar o silêncio que a faz possível." Para os místicos, "toda palavra não é mais que uma tradução. Pode haver melhores e piores traduções, e podemos ter perdido o texto original e sermos obrigados a lutar com as versões dos tradutores [...]" (PANIKKAR, 2017, p. 72). Por isto, preferem este modelo de diálogo.

O silêncio autêntico é posto a prova quando temos convicção de que uma interpretação não está correta. Aí emerge a tentação de postular uma “unidade transcendental das religiões” ou uma “harmonia essencial”. Ao formularmos esta possibilidade, rompemos com o silêncio, com a unidade e com a harmonia. Para Panikkar, talvez este modelo não seja um modelo de fato, mas um marco para inserir os outros modelos.

Conclusão

Panikkar foi profundamente defensor e promotor do diálogo inter-religioso, pois o experimentou em sua vida. Saber que o mundo é plural e que, portanto, devemos desenvolver a atitude pluralista para convivemos e avançarmos no conhecimento do outro, especialmente, com o outro diferente, é de fundamental importância para a construção da cidadania e da paz. O olhar cuidadoso e hospitaleiro para com o outro transforma a existência dos envolvidos.



As atitudes e os modelos ou “metáforas raiz”, como também denomina, ajudam as pessoas e as tradições religiosas a se perceberem e a tomarem maior consciência de como compreendem o diálogo inter-religioso. Ao se perceber mais próximo de um ou de outro modelo é possível desenvolver a autocrítica e avançar nas disposições internas para que o encontro ocorra e seja promissor para ambos os envolvidos.

Referências

- PANIKKAR, Raimon. The pluralism of truth. **World Faiths Insight**. Califórnia, n. 26, 1990, p 7-16. Disponível em:
< <http://www.dhdi.free.fr/recherches/horizonsinterculturels/articles/panikkarpluralism.pdf> > .
Acesso em: 30 abr. 2017.
- PANIKKAR, Raimon. A self-critical dialogue. In: PRABHU, Joseph (Org.). **The intercultural challenge of Raimon Panikkar**. New York: Orbis Books, 1996, p. 227-292.
- PANIKKAR, Raimon. **The intrareligious dialogue**. New Jersey: Paulist Press, 1999.
- PANIKKAR, Raimon. **VI. Pluralisme et interculturalité**: 1. Cultures et religions en dialogue I. Paris: Les Éditions du Cerf, 2012.
- PANIKKAR, Raimon. **Christianity**: a christophany. New York: Orbis Books, 2016a. v. III.2. [Opera Omnia]
- PANIKKAR, Raimon. **Culturas y religiones en diálogo**: diálogo intercultural e interreligioso. vol. VI. Barcelona: Herder, 2017. [Opera Omnia]
- PRABHU, Joseph (Org.). **The intercultural challenge of Raimon Panikkar**. New York: Orbis Books, 1996.